

# A INFLUÊNCIA DO CAPITAL SOBRE O TEMPO LIVRE DO TRABALHADOR

## *THE INFLUENCE OF CAPITAL ON WORKERS' FREE TIME*

Caio Vinícius Freitas de Alcântara 1  
Aline da Cruz Pinheiro 2  
Patrícia do Socorro Chaves de Araújo 3  
Thiago Nilton Alves Pereira 4  
Ruhena Kelber Abrão 5

**Resumo:** Com o advento do capitalismo, os trabalhadores, em geral, têm pouco ou nenhum tempo livre para o lazer. Mesmo quando fornecido esse tempo, o lazer é frequentemente consumido de maneira “consumista”, moldado pelas forças do capitalismo. O presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre trabalho e lazer sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, utilizando como base artigos científicos publicados nas revistas eletrônicas Licere e RBEL. A pesquisa, de caráter sistemático, selecionou cinco artigos distintos, publicados entre 2011 e 2020, que se mostraram relevantes para a compreensão da dialética entre trabalho e lazer. O principal objetivo da inclusão foi a relevância de cada artigo para o tema em questão. A principal problemática abordada é: qual é a influência do lazer, enquanto características sociais, na vida do trabalhador no contexto capitalista? Os resultados indicam que, apesar do lazer social ter um papel importante na promoção do pensamento crítico, do autoconhecimento e do esclarecimento, ele ainda sofre um processo de desvalorização, situado ao domínio do capital. Isso reforça a ideia de que, no capitalismo, até o tempo destinado ao lazer é, de alguma forma, instrumentalizado em benefício das lógicas produtivistas.

**Palavras-chave:** Trabalho, Lazer, Capital, dialética.

**Abstract:** With the advent of capitalism, workers, in general, have little or no free time for leisure. Even when provided with this time, leisure is often consumed in a “consumerist” way, shaped by the forces of capitalism. This article aims to analyze the relationship between work and leisure from the perspective of historical-dialectic materialism, using as a basis scientific articles published in the electronic magazines Licere and RBEL. The research, of a systematic nature, selected five different articles, published between 2011 and 2020, which proved to be relevant for understanding the dialectic between work and leisure. The main objective of inclusion was the relevance of each article to the topic in question. The main issue addressed is: what is the influence of leisure, as social characteristics, on the worker’s life in the capitalist context? The results indicate that, although social leisure plays an important role in promoting critical thinking, self-knowledge and enlightenment, it still undergoes a process of devaluation, situated within the domain of capital. This reinforces the idea that, in capitalism, even time devoted to leisure is, in some way, instrumentalized for the benefit of productivist logics.

**Keywords:** Work, Leisure, Capital, dialectic.

1 - Mestrando em Educação Física (UFT). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6227966131100620>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9033-0321>. E-mail: [caio\\_alcantara123@hotmail.com](mailto:caio_alcantara123@hotmail.com)

2 - Graduada em Educação Física (UEPA). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1983-3991>. E-mail: [alinepinheiroc29@gmail.com](mailto:alinepinheiroc29@gmail.com)

3 - Doutora em Educação Física (UEM/UEL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0687166007300703>. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-5342-5331>. E-mail: [patriciadaraujo@hotmail.com](mailto:patriciadaraujo@hotmail.com)

4 - Doutor em Biologia Comparada (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5245096890913113>. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-6682-7471>. E-mail: [patriciadaraujo@hotmail.com](mailto:patriciadaraujo@hotmail.com)

5 - Doutor em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5372413745002335>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5280-6263>. E-mail: [kelberabrao@uft.edu.br](mailto:kelberabrao@uft.edu.br)

## Introdução

Segundo Marx (2013), o trabalho é uma característica inerente ao ser humano. Se há algo que define a natureza humana, certamente é o trabalho. Através dele, desde seus primórdios, o ser humano se apropria da natureza ao seu redor, mudando de acordo com suas necessidades e desejos. Esse processo de transformação não se limita à natureza externa, mas reflete também na modificação da própria natureza humana. Como Marx explica: “agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2013, p. 255). Isso ressalta a dialética entre o homem e o ambiente, onde o trabalho não é apenas um meio de sobrevivência, mas também de autoconstrução.

No entanto, com o advento do capitalismo, o sentido e a função do trabalho sofreram profundas alterações. O trabalho, que antes era parte natural e essencial do ser humano, tornou-se uma atividade alienante para muitos, especialmente a partir da Revolução Industrial. Nesse novo contexto, o trabalho passou a ser visto não como uma forma de expressão ou de realização pessoal, mas como um meio para gerar e maximizar a produtividade. Essa mudança impediu o valor do trabalho humano em uma mera mercadoria, desumanizando o trabalhador ao transformá-lo em uma peça da engrenagem capital (DE BEM MACHADO et al, 2023)

O lazer, nesse cenário, passou a ser subestimado e desvalorizado. Enquanto o sistema capitalista valoriza o trabalho produtivo que gera valor econômico, o tempo dedicado ao lazer é tratado como improdutivo. Uma rotina de trabalho intensa deixou os trabalhadores sem tempo, sobrecarregados e muitas vezes sedentários, resultando em uma série de problemas de saúde, como doenças posturais e distúrbios psicológicos, que são consequência das longas horas de trabalho e das condições muitas vezes degradantes a que estão submetidos. A busca constante pela eficiência e pelo aumento da produção também contribuiu para um estado de estresse e esgotamento entre os sujeitos (GOMES et al, 2022).

Mesmo nos momentos de ócio e lazer, o trabalhador continua preso às engrenagens do capitalismo. Isso se manifesta pela maneira como o tempo livre é utilizado: em vez de ser um período dedicado à autorreflexão, à revitalização e à prática de atividades físicas, culturais ou intelectuais, o tempo de lazer é frequentemente consumido em atividades que perpetuam o ciclo do consumo. A indústria cultural e o marketing moldam os desejos e comportamentos dos indivíduos, fazendo com que o lazer seja direcionado para o consumo de bens e serviços, reforçando o capitalismo (ALVES et al, 2022).

O surgimento do capitalismo, especialmente com o desenvolvimento da grande indústria, marcou uma separação clara entre o tempo livre e o tempo de trabalho. Essa divisão, no entanto, é permeada por uma contradição inerente: enquanto o tempo livre deveria ser um espaço de liberdade e descanso, ele se encontra subordinado à lógica do consumo. Assim, as práticas de lazer muitas vezes são cooptadas pelo mercado, tornando o trabalhador, mesmo fora do expediente, refém do capitalismo (DO NASCIMENTO et al, 2020). Essa manifestação reflete o que Adorno e Horkheimer (1944) chamam de “indústria cultural”, na qual os produtos de lazer são mercantilizados e oferecidos como formas de escapismo, mas que, na verdade, reforçam a conformidade.

Além disso, essa separação entre tempo livre e trabalho teve implicações profundas para a estrutura da vida social. Antes do capitalismo, as atividades de subsistência, trabalho e lazer muitas vezes se entrelaçavam, especialmente nas sociedades pré-industriais. Contudo, com o advento da grande indústria, o trabalho assumiu uma posição central na vida humana, não apenas como meio de subsistência, mas como o eixo estruturador da existência. Esse modelo colocou o trabalho acima de outros aspectos fundamentais da vida, como a família, os estudos e o lazer. O tempo livre tornou-se cada vez mais escasso, à medida que o trabalhador se viu concentrado em se dedicar grande parte de seu dia à atividade produtiva, restando-lhe pouco ou nenhum tempo para atividades recreação (TAVARES, LIMA, ABRÃO, 2023).

Para sociólogos como De Masi (2000), essa organização do tempo reflete uma inversão de prioridades na sociedade contemporânea, onde uma centralidade do trabalho alienante sufoca outras dimensões essenciais da vida humana. O tempo livre, em vez de ser visto como

um espaço de potencialidade criativa e de desenvolvimento individual, é encarado como um intervalo necessário apenas para relatar as energias e retornar ao trabalho. Assim, a lógica econômica esvazia o significado do tempo livre, restringindo o papel de mera recuperação física e mental, ao invés de um tempo de lazer (DHARLE OLIVEIRA SANTANA, 2021).

Portanto, à medida que o capitalismo moldou a dinâmica do trabalho e do tempo livre, ele também moldou as próprias concepções sobre o que significa ser humano. O lazer, que poderia ser uma forma de expressão de liberdade e criatividade, foi progressivamente convertido em mais uma engenharia do sistema de produção e consumo, evidenciando como a lógica do capital permeia todas as esferas da vida humana (SILVA, ABRÃO, 2022).

A presente pesquisa busca evidenciar a importância do lazer e do tempo livre na vida do trabalhador, que, sob a influência do capitalismo e da mídia, torna-se consumista. Como consequência, sinte-se obrigado a trabalhar ainda mais para compensar seus hábitos de consumo. Nesse contexto, o lazer deixa de ser “saudável”, já que o trabalhador não utiliza seu tempo livre de forma eficaz para melhorar sua qualidade de vida.

Quanto à relevância científica, este estudo visa contribuir para a comunidade acadêmica ao levantar a discussão sobre a importância da Educação Física (EF) e do lazer dentro do sistema capitalista, buscando, ao mesmo tempo, enriquecer as pesquisas relacionadas ao pensamento marxista. A Educação Física, enquanto Campo de Conhecimento Acadêmico-Científico (BOURDIEU, 1983), possui a responsabilidade de promover a educação do corpo, constituindo-se como uma via efetiva de transformação. Essa transformação ocorre pelo domínio que a EF exerce sobre o corpo por meio de suas aulas nas escolas e do treinamento em todos os níveis, caracterizado pelo aprendizado de técnicas motoras desde a infância até o desenvolvimento de alto rendimento esportivo. Além disso, a EF abrange a promoção da força física, da estética, da manutenção da qualidade de vida e das atividades diárias dos idosos, assim como a prevenção e o tratamento de doenças e a promoção da saúde (QUIXABEIRA et al, 2021).

Por outro lado, a Educação Física também pode fomentar o pensamento crítico, a autonomia e a emancipação humana. Ao educar o corpo, crie-se um espaço para a formação de cidadãos conscientes e reflexivos, capazes de questionar o contexto em que vivem.

Para o desenvolvimento desta análise, é fundamental abordar algumas questões norteadoras: o que é trabalho? O que é lazer? Qual é a relevância do trabalho na vida do trabalhador em diferentes contextos laborais? Quais são as consequências do trabalho para o lazer do trabalhador?

Com base nesses questionamentos, o objetivo deste artigo é tecer uma análise crítica sobre a relação entre o mundo do trabalho, do período pós-Revolução Industrial à contemporaneidade, e o universo do lazer. Para isso, utilizamos o método dialético de investigação, associado à revisão sistemática, para aprofundar o entendimento dessa relação e suas implicações.

## **Metodologia**

Este manuscrito utiliza uma metodologia de revisão sistemática como abordagem principal para seu desenvolvimento. A revisão sistemática, conforme descrito por Severino (p. 122), consiste em uma investigação “a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.” Trata-se de um método que busca reunir e analisar criticamente as contribuições já existentes sobre determinado tema, visando garantir uma base sólida

Nesse sentido, a pesquisa realizada neste artigo focou-se em selecionar e analisar trabalhos pertinentes à temática discutida, de modo a identificar as principais contribuições documentadas e verificar como essas obras podem enriquecer a análise proposta. Os dados coletados provêm de obras relevantes ao tema, abrangendo diversas fontes acadêmicas, como livros, artigos científicos e teses. Dessa forma, constrói-se um panorama abrangente da

produção intelectual que versa sobre o tema do lazer, do trabalho e da influência do capitalismo, oferecendo uma perspectiva embasada e contextualizada.

Além disso, este artigo adota uma investigação dialética como método fundamental para a análise crítica. A dialética, que se estrutura por tese, antítese e descrição, permite uma compreensão mais profunda das contradições inerentes ao sistema capitalista, especialmente na relação entre o trabalho e o lazer. A escolha desse método se justifica pela necessidade de não apenas descrever as características, mas entender suas transformações e implicações dinâmicas (OLIVEIRA, SANTANA, FERREIRA, 2020).

Garvey (2009, p. 76), em suas reflexões sobre a dialética, explica de forma simples e didática que esse método é essencial para analisar as interações e mudanças constantes nas estruturas sociais, fornecendo um caminho para a superação das contradições presentes.

Assim, ao conjugar a revisão sistemática com a investigação dialética, o artigo propõe uma análise crítica e fundamentada do tema, buscando não apenas sintetizar o conhecimento já existente, mas também proporcionar novos olhares sobre a inter-relação entre o mundo do trabalho e o lazer no contexto do capitalismo contemporâneo. Esta abordagem metodológica oferece ao leitor um percurso investigativo robusto, que conecta teorias prévias à realidade vivenciada pelos trabalhadores na atualidade (SCHWARTZ et al, 2020).

Hegel argumenta que o processo histórico é dialético por natureza. “Dialética” é uma palavra grega antiga usada para certo tipo de raciocínio, exemplificada nos diálogos de Platão. Inicialmente a palavra era associada somente a perguntas e respostas, mas nas mãos de Hegel ele delinea um processo de raciocínio ou lógica. Uma afirmação particular é feita (tese), enquanto suas contradições são formuladas e explicitadas; surge uma nova concepção que enfatiza suas contradições (antítese). E finalmente uma resolução ou uma mistura das duas visões é alcançada (síntese) (GARVEY, 2009, p. 76).

Dado o exposto, torna-se imperativo, para complementar a metodologia adotada, uma abordagem marxista do método dialético. Karl Marx, embora inspirado por Hegel, não simplesmente o nega, mas o supera, oferecendo uma reinterpretação crítica e materialista da dialética. Enquanto a especulação, a subjetividade e a abstração características do pensamento hegeliano se tornaram insuficientes para abarcar as contradições concretas da sociedade capitalista, Marx propôs uma nova lógica, fundamentada no materialismo histórico. Nessa nova perspectiva, as ideias deixam de ser o motor da história para dar lugar à práxis material como base da explicação do desenvolvimento humano e social (CHAGAS, 2011).

No contexto do materialismo histórico-dialético, prevalece a máxima de que “não se explica a práxis através das ideias, mas se explica as formações ideológicas a partir da práxis material” (CHAGAS, 2011, p. 9). Ou seja, as condições materiais de vida, especialmente aquelas relacionadas ao modo de produção e às relações de trabalho, determinam as formas de consciência e as ideologias predominantes. Essa perspectiva permite uma análise crítica e concreta das dinâmicas sociais, em que o trabalho, enquanto prática transformadora e essencial ao ser humano, ocupa um papel central.

Neste artigo, utilizamos predominantemente livros e artigos de cunho marxista para construir uma base teórica sólida que sustente a análise dialética do trabalho e do lazer. A revisão sistemática abrangeu seis artigos, selecionados das revistas acadêmicas “Licere” e “RBEL” (Revista Brasileira de Estudos do Lazer). Os critérios de inclusão adotados foram: trabalhos publicados entre 2012 e 2020, disponíveis em uma das revistas mencionadas, e que apresentam relevância temática em relação ao objetivo desta pesquisa. Por outro lado, foram excluídos artigos em idiomas diferentes do português brasileiro e textos que, mesmo abordando a temática do trabalho e do lazer, não apresentam uma abordagem marxista.

Essa seleção rigorosa garante que a proposta de análise se mantenha alinhada com o referencial teórico marxista, oferecendo uma compreensão crítica sobre as relações entre trabalho e lazer no contexto capitalista contemporâneo. Ao longo da revisão, observaram-se que, sob a lógica do capital, o lazer tende a ser instrumentalizado, tornando-se uma extensão das condições alienantes do trabalho. O trabalhador, mesmo em seus momentos de descanso, continua orientado às exigências do mercado e ao consumo, o que revela a profundidade da influência capitalista em todas as esferas da vida humana.

Portanto, a metodologia empregada, fundamentada tanto na revisão sistemática quanto no método dialético, busca não apenas mapear o estado atual da pesquisa sobre trabalho e lazer, mas também fornece uma análise crítica das contradições inerentes ao sistema capitalista. Esta abordagem permite ir além da simples descrição das preferências, apontando para a necessidade de uma emancipação que só pode ser alcançada a partir da transformação das condições materiais de existência.

## **Aproximações a definição de trabalho**

Em uma abordagem inicial sobre a temática do trabalho, buscamos contemplar este conceito de maneira concisa, oferecendo uma interpretação analítica da obra de Karl Marx e de estudiosos marxistas. Esta primeira abordagem à definição de trabalho fornecerá uma base sólida para a compreensão de um dos eixos teóricos fundamentais que orientam esta pesquisa.

Ao nos depararmos com o termo “trabalho” atualmente, muitas vezes o associamos imediatamente a conceitos do senso comum, como emprego, carreira, ocupação ou até o mundo dos negócios. Contudo, essa visão limitada não contempla a complexidade histórica e filosófica do conceito. Para aprofundarmos de maneira mais profunda na discussão, é necessário compreender a origem etimológica da palavra. A palavra “trabalho” deriva do latim *tripalium*, que designava um objeto rudimentar composto por três varas, utilizado inicialmente em atividades rurais, como bater trigo ou milho (ALBORNOZ, 1994). No entanto, o *tripalium* também foi um instrumento de tortura, o que revela uma dimensão simbólica importante ao associar o trabalho a um sofrimento ou castigo (MACHADO, 1995).

Essa divergência etimológica nos provoca uma reflexão sobre a relação entre a atividade laboral humana e o sofrimento, evocando uma possível conexão com a exploração que algumas classes trabalhadoras enfrentam. O ato de trabalhar, em determinados contextos sociais, pode ser visto como uma forma de tortura ou opressão, uma visão que parece exagerada à primeira vista, mas que se revela bastante pertinente à medida que exploramos os impactos do trabalho no sistema capitalista. Esta associação será desenvolvida ao longo da pesquisa, permitindo uma análise crítica do trabalho em sua forma contemporânea.

Para uma melhor compreensão da temática, é essencial considerarmos o pensamento do filósofo alemão Friedrich Hegel, cuja obra influenciou profundamente o jovem Karl Marx. Em seu livro *O Sistema da Vida Ética*, Hegel discorda sobre o conceito de trabalho, considerando-o uma atividade fundamental para o ser humano. Para Hegel, o trabalho é o que diferencia o homem dos demais animais, pois apenas o ser humano é capaz de criar ferramentas e transformar a natureza de maneira racional e consciente através de seu trabalho (HEGEL, 1991 apud SEMERARO, 2013). O trabalho, portanto, não apenas molda o mundo exterior, mas também atua como um processo de autoformação, por meio do qual o homem se realiza e adquire consciência de si.

Essa ideia hegeliana foi decisiva para a formulação do conceito de trabalho em Marx, mas com uma importante transformação. Enquanto Hegel via o trabalho como um processo dialético pelo qual o homem se humaniza, Marx acrescenta uma crítica fundamental: no capitalismo, o trabalho se torna alienado. Ou seja, o trabalhador perde o controle sobre o produto do seu trabalho e sobre o próprio processo de produção, fazendo com que ele mesmo seja uma mercadoria a ser explorada. A crítica marxista ao trabalho alienado reflete a condição de grande parte da classe trabalhadora, que vê sua força de trabalho transformada em uma mercadoria vendida para garantir a própria subsistência, enquanto o capitalista se apropria do excedente gerado.

Como aponta Semeraro (2013, p. 90), em sua análise do pensamento hegeliano, “o trabalho não é apenas uma forma de transformar a natureza, mas também de transformar o próprio trabalhador, que ao modificar o mundo exterior, simultaneamente modifica a si mesmo.” Essa compreensão dialética do trabalho é central para entender as contradições inerentes ao sistema capitalista, em que o trabalho, embora seja uma atividade potencialmente emancipadora, se converte em um mecanismo de alienação e exploração. Ao ser despojado do controle sobre o produto do seu trabalho, o trabalhador perde parte de sua humanidade, que é

subsumida pela lógica da acumulação de capital.

Neste sentido, ao pensarmos sobre o trabalho em um contexto contemporâneo, especialmente sob a égide do capitalismo, devemos considerar não apenas sua definição técnica ou econômica, mas suas implicações sociais, políticas e psicológicas. O trabalho, que deveria ser um meio de realização e expressão do potencial humano, é muitas vezes limitado a uma forma de opressão e exploração, alienando o trabalhador de sua própria essência. A análise marxista, portanto, oferece um apoio crucial para compreendermos o trabalho em sua totalidade, especialmente no que diz respeito à sua função transformadora e ao mesmo tempo alienante.

Ao longo desta pesquisa, nossa intenção é justamente explorar essas dimensões do trabalho, conectando a filosofia hegeliana com as críticas marxistas e analisando como o trabalho, ao longo da história, tem sido uma ferramenta tanto de emancipação quanto de opressão. Assim, buscamos não apenas uma definição teórica do trabalho, mas uma compreensão crítica de suas contradições e potencialidades no contexto do capitalismo contemporâneo.

Diante da inércia e da indistinção existentes na natureza, o homem cria ferramentas, meios duráveis e socialmente significativos. Pelo trabalho, o homem imprime uma intencionalidade ao simples “em si” da natureza. Por meio do seu operar, de fato, o homem extrai os objetos da circularidade fechada da natureza e os insere no mundo vivo da sua existência, no processo de subjetivação e na esfera da universalidade que só ele é capaz de desenvolver. Quando lasca uma pedra ou fabrica uma enxada, quando arquiteta um utensílio ou constrói uma máquina sofisticada, o ser humano sai do movimento repetitivo da natureza e redireciona, altera, transforma os objetos em “instrumentos”, em obras tecnicamente elaboradas que se traduzem em cultura, em elementos concretos de socialização, em materialização viva do espírito humano. Nesse processo, há uma transformação e humanização da natureza e, ao mesmo tempo, a criação de uma história coletiva que se expressa na linguagem, na qual a consciência se firma como memória (SEMERARO, 2013, p.90).

Para Hegel, o homem estabelece uma relação metabólica com a natureza, diferenciando-se dos outros animais ao manifestar sua criatividade por meio do pensamento racional (BAPTISTA, ARAÚJO, MACHADO, 2020). Esse processo é particularmente evidente na capacidade do ser humano de transformar a natureza através do trabalho. Por exemplo, podemos observar um escultor que dedica dias a uma única obra, investindo sua vitalidade no mármore até alcançar a recompensa final: o prazer de contemplar o resultado de seu esforço criativo. De maneira semelhante, um estudante que concentra seu tempo na elaboração de uma pesquisa acadêmica exterioriza sua racionalidade e criatividade.

De acordo com o pensamento hegeliano, o ato de exteriorizar essa inventividade, como no exemplo do estudante, constitui um ato de alienação. Para Hegel, a alienação não tem uma conotação negativa; ao contrário, trata-se da “exteriorização da criatividade humana, de sua capacidade de construir obras no mundo” (COTRIM, 2016, p. 181). O processo de trabalho, para Hegel, permite ao ser humano transformar o mundo exterior, ao mesmo tempo em que se transforma, atingindo uma natureza entre a ideia e a matéria, entre o ser e o fazer.

No entanto, ao se tratar de Karl Marx, alguns dos elementos da teoria hegeliana são radicalmente transformados. Embora Marx tenha participado e reconhecido a importância da dialética hegeliana, ele se reconstruiu a partir de uma perspectiva materialista, alterando profundamente o conceito de alienação. Se para Hegel a alienação é uma expressão da criatividade humana, para Marx, no contexto do capitalismo, ela se torna um aspecto negativo,

resultado da exploração do trabalho pelo capital. Na visão marxista, o trabalhador é alienado não apenas do produto de seu trabalho, mas também do processo de produção, de sua própria natureza e dos outros seres humanos.

A conceituação marxista do trabalho, portanto, vai além da perspectiva hegeliana ao abordar suas implicações sociais e econômicas. Em *O Capital*, Marx utiliza uma metáfora célebre para exemplificar a relação entre trabalho e cultura, revelando uma complexa interdependência entre o desenvolvimento da humanidade e as condições de produção. Ele compara o trabalho humano a um processo criativo e cultural, mas ressalta que, sob o capitalismo, esse processo é distorcido pela alienação e pela exploração.

Segundo Marx, o trabalho, que deveria ser uma expressão manifesta da capacidade humana de transformar o mundo, torna-se um fardo para o trabalhador que, ao invés de se realizar no ato de trabalho, acaba por se submeter a uma dinâmica de exploração. A alienação marxista não é, portanto, uma simples exteriorização da criatividade, como em Hegel, mas uma perda de controle do trabalhador sobre o que produz, sobre como produz e sobre os próprios frutos de seu trabalho. Essa perda de controle gera uma profunda desumanização, característica da divisão do trabalho no capitalismo.

O trabalho, na teoria marxista, ao invés de promover a emancipação, torna-se o principal mecanismo de opressão, alienando o ser humano de sua essência e das potencialidades de seu desenvolvimento criativo. Enquanto Hegel não vê no trabalho uma reconciliação entre o ser humano e o mundo, Marx vê no trabalho capitalista uma cisão, um rompimento entre o homem e sua humanidade.

Esta abordagem mais ampla de Marx sobre o trabalho não se limita apenas à produção material, mas envolve também a produção cultural e simbólica, revelando como o sistema de exploração capitalista penetra em todas as esferas da vida humana. A análise crítica de Marx vai além da visão idealista hegeliana ao confrontar as condições concretas de produção e suas contradições inerentes, oferecendo uma compreensão mais completa do papel do trabalho na formação da sociedade moderna.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho (MARX, 2014, p. 255-256)

A famosa citação do filósofo alemão Hegel retrata com clareza a concepção de trabalho como uma relação quase metabólica entre o homem e a natureza, onde o ser humano, através de sua racionalidade, molda e transforma o ambiente ao seu redor. Essa perspectiva apresenta o trabalho como uma manifestação criativa e emancipatória, na qual o ser humano não apenas modifica a natureza, mas também se transforma no processo. Contudo, essa visão, em grande parte idealizada, não faz apenas a profundidade e a complexidade do termo “trabalho”, especialmente quando consideramos suas ramificações em diferentes contextos históricos, econômicos e Na concepção hegeliana, o trabalho é visto como uma atividade vital que diferencia o ser humano dos outros animais, pois, através do trabalho, o homem externaliza sua racionalidade e criatividade. Para Hegel, essa atividade produtiva constitui a essência da liberdade humana, uma vez que o indivíduo é capaz de se realizar e se considerar no produto de seu trabalho. No entanto, essa visão romantizada e quase metafísica do trabalho desconsidera

as condições concretas nas quais ele se dá, principalmente no contexto do capitalismo (SILVA et al, 2021).

Karl Marx, ao revisitar as ideias de Hegel, oferece uma crítica contundente à essa concepção idealista do trabalho. Em vez de ser uma atividade livre e criativa, Marx argumenta que, sob o capitalismo, o trabalho se transforma em uma fonte de alienação e opressão. O trabalhador, ao invés de se considerar no produto de seu trabalho, é afastado dele, tanto material quanto psicologicamente. Nesse sentido, Marx subverte a noção hegeliana de que o trabalho é o caminho para a liberdade, argumentando que, nas condições do capital.

A complexidade do conceito de trabalho, portanto, não se limita à sua relação entre o homem e a natureza, mas deve ser compreendida dentro das relações sociais e econômicas nas quais ele está inserido. Sob o capitalismo, o trabalho deixa de ser uma atividade puramente criativa e emancipatória e se torna mercadorias, uma fonte de lucro para os detentores dos meios de produção. Essa mercantilização do trabalho desumaniza o trabalhador, que é obrigada a vender sua força de trabalho em troca de um salário, sendo constantemente explorada pelo capital. O trabalhador se torna apenas mais uma peça na engenharia de produção, perdendo o controle sobre o que produz e sobre o processo de produção.

Além disso, o trabalho, em sua forma moderna, não apenas molda a natureza externa, mas também modela a própria subjetividade humana. A repetição incessante de tarefas alienantes transforma o trabalhador, não em um ser criativo e livre, como Hegel poderia sugerir, mas em um ser conformado à lógica produtivista do capitalismo. O conceito de alienação marxista se aprofunda nessa análise: o trabalhador é alienado não apenas do produto de seu trabalho, mas também do processo de produção, de sua própria essência humana e dos outros.

A complexidade do trabalho também pode ser vista em suas dimensões mais amplas, como sua função social e seu impacto na organização das sociedades. Desde a Revolução Industrial, o trabalho passou a ser o eixo central da vida em sociedade, organizando não apenas a produção material, mas também a estrutura familiar, o tempo livre, a educação e as relações interpessoais. Marx acordou essa predominância do trabalho na vida moderna, especialmente a partir da industrialização, como um dos principais fatores de alienação e opressão nas sociedades capitalistas.

Nesse contexto, a visão romantizada de Hegel não resiste à crítica materialista proposta por Marx. O trabalho, longe de ser uma atividade criativa e libertadora para a maioria dos indivíduos, torna-se uma prisão, onde o trabalhador é reduzido a uma função subordinada ao capital. Essa crítica se aprofunda ao considerarmos o impacto das novas tecnologias e da globalização, que ampliaram a exploração do trabalho. Portanto, a complexidade do termo “trabalho” vai muito além de sua relação com a natureza. Envolve questões de poder, exploração, alienação e resistência. É uma aparência multifacetada, que não pode ser limitada a uma visão única ou romântica. Ao refletir sobre o conceito de trabalho, é necessário levar em conta essas múltiplas dimensões, desde as concepções filosóficas até as condições materiais concretas em que o trabalho se realiza, principalmente no cenário atual, marcado pela intensificação das desigualdades e pela desvalorização.

Marx nos convida a enxergar o trabalho de maneira crítica, entendendo que, para além da criatividade e da transformação da natureza, o trabalho no capitalismo é uma ferramenta de dominação e exploração, que pode, ao mesmo tempo, servir como um campo de luta pela emancipação humana. Somente a partir dessa análise profunda e crítica podemos compreender de forma completa a complexidade do trabalho.

## **O trabalho alienado**

O conceito de trabalho alienado, conforme proposto por Marx, reflete uma forma de relação onde o trabalhador se torna estranhado de sua própria produção, ou seja, o fruto do seu trabalho passa a não mais lhe pertencer, mas sim ao capitalista. Essa alienação é indissociável do sistema capitalista e se acentua com o advento da Revolução Industrial, que desenvolveu uma força de trabalho mecanizada e produtiva. Nesse contexto, o trabalho, que antes era uma



expressão da cultura e da criatividade humana, se transforma em uma mercadoria que o trabalhador vende para sobreviver (Marx, 2010).

Marx, em *O Capital*, enfatiza que no capitalismo o trabalhador é visto não como um ser humano criador de cultura, mas como “um animal de trabalho”, limitado a suas necessidades mais básicas e inserido em um processo que visa apenas a maximização da produção e do lucro do empregador. Isso leva a uma intensificação do trabalho, como bem pensado por Dal Rosso, que argumenta que essa intensificação surge com a Revolução Industrial e persiste ao longo do desenvolvimento tecnológico (Dal Rosso, 2008). O trabalhador é solicitado a prolongar sua jornada de trabalho e sacrificar seu tempo de lazer para manter seu sustento, o que agrava ainda mais a alienação.

Além disso, essa alienação do trabalhador também implica na perda de seu tempo livre, essencial para a recuperação e o bem-estar, e, portanto, diminui seu contato com o lazer e outras formas de atividade não produtivas. Como descrito por Dal Rosso (2010), a luta por um equilíbrio entre a intensificação do trabalho e a preservação do tempo de não trabalho é uma questão central para a classe operária, que enfrenta condições extenuantes dentro do sistema capitalista de produção

Assim, o trabalho alienado, como caracterizado por Marx, vai além da simples relação de produção, alcançando esferas da vida humana como a liberdade e o lazer, reforçando as desigualdades geradas pelo capitalismo.

Primeiro, que o trabalho é externo (äusserung) ao trabalhador; isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se firma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína seu espírito. o trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho(...) O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. o trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (Fremdheit) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexistia coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação (MARX, 2010, p. 82-83)

Em resumo o autor ainda completa com a ideia de que “assim também [como na atividade religiosa] a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo (MARX, 2010, p. 83).

## Dinâmica entre lazer e capital

Em se tratando de tempo de lazer e tempo de trabalho, é importante que voltemos nosso olhar para a temática da jornada de trabalho. Marx, em sua obra *O capital* discorre amplamente sobre tal assunto, evidenciando-o em pontos chaves para o entendimento de sua complexa crítica da economia política. Assim, durante uma discussão acerca do tempo de trabalho para a subsistência do proletário, que se difere do tempo de trabalho lucrativo para o capitalista, o filósofo comenta que “o tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou do trabalhador” (Marx, 2014, p. 307).

Com estas palavras o autor reforça o monopólio do patrão sobre o proletário, indicando, também, a importância da gestão do tempo na lucratividade e produtividade do explorador sobre o explorado. “Se este [o proletário] consome seu tempo disponível para ele mesmo, ele furta o capitalista” (MARX, 2014, P 307). Desta forma, entendese que o trabalhador tem sua liberdade tolhida, tanto em ambiente de trabalho, como em gozo de sua folga. Isso se deve a

extensão desproporcional de sua jornada de trabalho, fato este que promove, propriamente, más condições não só trabalhistas como também sociais.

Baptista, Araújo & Machado (2020), não só reconhecem esta relação deletéria entre trabalho e lazer no universo capitalista, como também trazem novas reflexões sobre ela, indicando que o capital, de certa forma, se utiliza do tempo de não trabalho do proletário para seus próprios fins. Ou seja, o tempo destinado ao lazer passa a servir aos propósitos produtivistas, transformando o lazer em espaço de manutenção, mecânica, de saúde, preparando o trabalhador para um novo dia de trabalho. Desta forma, o lazer negligencia suas principais características como atividade de escolha pessoal, gratuita, prazerosa e libertadora (CAMARGO, 1989), para servir às máximas do capitalismo, transformando-se em nada mais que resquício de trabalho e alienando seu conceito fundamental.

Adorno (2002), atribui esta depressão do lazer a não-liberdade na qual a massa populacional está imersa; onde seus atos são ditados por uma ideologia social pautada nas máximas do capitalismo: produção, consumo, lucro.

Já Mascarenhas (2006), denomina este tipo de lazer como “lazer-mercadoria” (p. 76), e nos traz à luz o ideal de lazer em sua essência dizendo que:

O lazer é tão mais verdadeiro quanto mais se aproxima do ideal de ócio antigo – ou seja, a própria ideia de skholé – associado a ausência de obrigações e identificado a um modo de vida inteiramente dedicado ao desenvolvimento físico e intelectual com fim em si mesmo. É uma forma de ser impregnada pela ideia de uma liberdade intrínseca que se desdobra no cultivo à sabedoria, à felicidade, à beleza, dentre outras virtudes. (MASCARENHAS, 2006, p. 77)

Destarte, pode-se dizer que o lazer vem sofrendo pesada descaracterização por estar subordinado ao modelo de produção capitalista. Fato este que vem contribuindo para o crescimento da chamada “cultura do consumo” (PADILHA, 2006, p. 130). Tal temática se mostrou de importante relevância para o desenvolvimento desta pesquisa e é melhor abordada nas páginas vindouras.

## Resultados e discussões

Como resultados de pesquisa, apresentamos aqui a análise de cinco artigos elencados das revistas acadêmicas eletrônicas “Licere” e “RBEL”. Sendo estes, artigos selecionados utilizando as palavras chave “trabalho”, “trabalho e lazer”, “dialética”, “marxista”.

Destarte, foram encontrados cinco artigos científicos nas duas revistas eletrônicas (sendo três na Licere e dois na RBEL), que se adequavam aos critérios de inclusão propostos.

A revisão sistemática dos artigos foi traçada considerando três tópicos ou eixos de análise: “objetivos”, “método” e “resultados”. A partir disto, pode-se notar que dois dos artigos elencados (artigo 1 e artigo 2) apresentavam caráter metodológico de estudos de campo, enquanto os outros três (artigo 3, artigo 4 e artigo 5) contemplavam a pesquisa bibliográfica em suas metodologias.

Foi observado diferentes objetivos nos artigos analisados, todavia, em sua maioria, os estudos demonstravam interesses comuns no que se refere à análise do lazer como um fenômeno dependente das relações trabalhistas e a relação existente dentre estes dois conceitos no ambiente capitalista de produção.

Os artigos analisados se dispõem nestas laudas de maneira cronológica crescente, ou seja, de 2011 à 2019.

## Análise sistemática objetiva

Plataforma/Tema	Ano	Objetivos	Método	Resultados
<b>ARTIGO 1:</b> Licere/ lazer, trabalho e consumo, possíveis aproximações	2011	Discutir as relações entre trabalho, lazer e consumo, considerando o tempo livre de trabalhadores do SESI de campina grande.	Estudo de campo de caráter descritivo. Foi utilizada uma amostra de 59 trabalhadores do SESI campinas e aplicado questionário estruturado como instrumento de coleta de dados.	Foi utilizada a análise de conteúdo de Brandin (2009). Os resultados foram divididos em quatro categorias distintas para análise: <i>tempo de trabalho</i> , onde observou-se que 46,6% dos sujeitos trabalham até oito horas por dia, 27,2% até seis horas por dia, 21,6% trabalham mais de oito horas por dia e outros 2% não responderam; <i>tempo designado ao lazer</i> , onde foi verificado que 51% dos pesquisados fazem uma reserva de tempo destinada ao lazer de uma a duas horas diárias, enquanto 48,7% não tem habito de reservar um período destinado ao lazer; <i>a prática de consumo nos momentos de lazer</i> , onde foi aferido que 62% dos sujeitos reservam parte de sua renda destinada a atividades de lazer; já 35% não fazem esta reserva; <i>os espaços utilizados nas experiências de lazer</i> , nesta categoria os relatos foram diversos, porém a pesquisa se foca no espaço de lazer ofertado pelo SESI de maneira gratuita para seus funcionários, onde pode-se observar que 56,7% dos questionados não faz uso das instalações do SESI para lazer, 29,7% utilizam, 5% utilizam esporadicamente, outros 5% não responderam e 2% afirmam ainda não terem utilizado.

<p><b>ARTIGO 2:</b> Licere/O tempo livre dos voluntários da pastoral da criança no bairro Hermans Moraes de Barros, em Maringá/PR: relações entre trabalho e lazer.</p>	<p>2012</p>	<p>Analisar o tempo livre dos voluntários da Pastoral da criança em Maringá/PR</p>	<p>Pesquisa de campo, de caráter qualitativo, que utiliza questionário semiestruturado como principal ferramenta de estudo.</p>	<p>Os resultados encontrados foram de caráter qualitativo e apontam que grande parte dos sujeitos estudados utiliza seu tempo livre em fins religiosos, sendo que a própria ocupação perante a Pastoral da criança tem caráter voluntário atrelado a forte apelo religioso. O artigo deixa claro, também, que mesmo entre aqueles que se encontram em situação de aposentadoria e afins, o seu tempo diário total é permeado por obrigações familiares, domésticas e sociais. Desta maneira, grande parte dos entrevistados revelou sentir-se bem em dispor seu tempo de não trabalho para os fins religiosos da Pastoral da criança, até mesmo atribuindo esta atividade a certo tipo de “chamado ou missão” em suas próprias palavras.</p>
<p><b>ARTIGO 3:</b> RBEL/Trabalho estranhado, lazer estranhado? Reflexões acerca do estranhamento do trabalho sobre o lazer.</p>	<p>2015</p>	<p>Analisar estranhamento do trabalho sobre o fenômeno lazer</p>	<p>Pesquisa bibliográfica.</p>	<p>O estudo revela que a relação do ser humano com o outro, consigo mesmo e em relação a sua própria natureza também são estranhadas/alienadas na objetivação do lazer. Principalmente ao se levar em conta o lazer enquanto mercadoria. A forma de caminhar em direção a transcendência positiva da alienação do trabalho é o reconhecimento de que o tempo de não trabalho e o lazer são hegemonicamente controlados pela lógica do capital, e como colocado, foram diversos os mecanismos utilizados para a criação e a manutenção deste controle.</p>

<p>ARTIGO 4: RBEL/ A impossibilidade e estrutural do ócio criativo sob a acumulação flexível do capital: estudo crítico da obra de Domenico De Massi.</p>	<p>2017</p>	<p>Revisar e analisar criticamente parte da obra do sociólogo italiano Domenico De Massi, bem como sua concepção de “ócio criativo”.</p>	<p>pesquisa bibliográfica.</p>	<p>O estudo aponta que De Massi acaba por se tornar mais um ideólogo do que crítico em sua obra. Propondo um projeto utópico que gera uma falsa sensação de liberdade ao sujeito do lazer. O projeto em questão trata-se do chamado “ócio criativo” que na concepção de De Massi concebe um lazer solúvel ao trabalho e que, por consequência disso, acaba por ser atrelado a produção capitalista e sua ideologia de intensificação do trabalho. o estudo aponta também que o autor analisado acaba por cair em um certo tipo de otimismo sobre a temática do trabalho, assim, minimiza fatos históricos e potencializa aspectos desejáveis para seus próprios fins.</p>
<p>ARTIGO 5: Licere/ O lazer e o tempo do não trabalho no capitalismo: as ilusões do consumo.</p>	<p>2019</p>	<p>Trazer a debate a problemática da sociedade estruturada pelo trabalho e consumo, analisando o tempo de lazer do trabalhador e apropriação do capital sobre ele.</p>	<p>pesquisa bibliográfica</p>	<p>O artigo faz uma leitura da situação social imersa no modelo de produção capitalista e constata que este modelo econômico se torna deletério ao lazer a partir do momento em que se apropria deste. Assim ocorre a coisificação do lazer e sua conversão em consumo. Este consumo, por sua vez, faz com que o próprio tempo de não trabalho seja visto como mercadoria, que pode ser adquirida pelas classes mais altas em detrimento às classes operárias. Sendo assim, o estudo conclui dizendo que o tempo livre do trabalhador passou a estar submisso a seu tempo de trabalho, pois mesmo longe de seu ambiente laboral, os mecanismos do capital atingem o proletário e o impelem a produção, consumo e lazer alienado, lazer como resquício do trabalho e lazer como simples tempo de recuperação psicossomática.</p>

## Estranhamentos do lazer e suas consequências

De maneira a sintetizar a discussão pleiteada nas páginas anteriores, trazemos como discussão em nossa pesquisa uma análise crítica acerca dos elos que ligam o lazer ao labor; bem como um aprofundamento analítico sobre os artigos elencados, intencionando assim o enriquecimento de conteúdo e uma aproximação junto ao entendimento sobre a real dinâmica entre Lazer, Trabalho e Capital.

Doravante, a atividade laboral humana, complexa, cercada de vitalidade de seu produtor (trabalhador); considerada, como já mencionado, fundamentalmente humana e podendo ser

atribuída a própria essência do ser. Desta ótica, torna-se nitidamente contraditória a atribuição capitalista ao termo, que o deturpou, alienando seu sentido e lhe dando novos sinônimos: produção, lucro, intensificação etc.

Logo, a palpável interferência que o trabalho é capaz de causar no cotidiano do trabalhador vem afetando diversas outras áreas pertinentes a vida em sociedade humana; como foco desta pesquisa destaca-se o lazer, entretanto, é válido ressaltar alguns pontos importantes que se fazem presentes na vida do proletariado e tem sido abarcado no processo de produção capitalista. A contração de doenças, por exemplo, é algo que se faz presente em grande parte dos ambientes de trabalho. Não somente doenças físicas, incluindo gripes, anemias, lesões ou enfermidades provenientes de fatores de insalubridade; mas também doenças psicológicas como a síndrome de Burnout ou síndrome do esgotamento laboral (DAL ROSSO, 2008)

Entenda, esta afirmativa é proveniente do autor Sadi Dal Rosso, que em sua obra *“Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea”* discorre sobre a temática laboral e suas técnicas de aumento de produtividade e lucratividade, bem como suas consequências. Neste momento do texto, abordemos as consequências de algo que o autor classifica como intensificação do trabalho. Afirma o autor que a “intensidade desvela o engajamento dos trabalhadores significando que eles produzem mais trabalho, ou trabalho de qualidade superior; em um mesmo período de tempo considerado” (ROSSO, 2008, p. 29).

Com base nisto, afirma-se que

A onda de intensificação do labor, em quaisquer condições, que ele se realize, sejam atividades agropecuárias ou de exploração mineral, sejam atividades industriais ou de serviços. Quaisquer que sejam as condições de sua realização, o trabalho está sendo transformado pela exigência de mais resultados materiais ou imateriais, o que implica que o agente deva empenhar mais suas energias físicas, mentais ou sociais na obtenção de mais resultados, de mais elevados objetivos, em suma de mais trabalho. (ROSSO, 2008, p.136)

Destarte, podemos dizer que a intensificação do trabalho surte nocivo efeito sobre a saúde do trabalhador, bem como, sobre utilização de seu tempo livre. Sobre este segundo item, destaca-se o ARTIGO 5, que contribui para nosso debate afirmando que o termo “tempo livre”, não se faz equivalente a tempo de lazer, pois, considera-se aqui o tempo livre como todo o tempo liberado de trabalho, no qual residem os horários das refeições no ambiente de labor, horário de deslocamento em transporte público ou particular, e até mesmo a obrigações cotidianas não relacionadas a trabalho, como obrigações religiosas e familiares<sup>1</sup> por exemplo. (SOARES, 2019)

Isso posto, faz-se notável a interferência que o trabalho alienado e suas nuances causam na efetivação do tempo livre e no tempo de lazer do proletário. Com a intensificação do trabalho e a ganancia patronal por cada vez mais lucro o tempo de não trabalho sofre notória diminuição. Pode-se dizer que é a real subordinação do lazer perante a hegemonia do capital.

O empobrecimento que vem sofrendo o lazer perante a ascensão do modelo de produção capitalista, torna-se impreterivelmente preocupante ao lembrarmos que ao vender sua força de trabalho (único produto que nosso proletariado tem para comercializar), o trabalhador aproxima-se de romper a tênue linha que o diferencia do escravo, e que ao vender toda sua vitalidade e força de produção para o capitalista, este trabalhador acaba por vender a si mesmo (Marx, 2017).

Com efeito, a relação patrão-empregado torna-se pernicioso para o trabalhador, o qual torna-se refém do trabalho alienado e alienante, que por sua vez, como nos mostra o ARTIGO

1 em se tratando de obrigações religiosas e familiares, é importante mencionar o olhar que nos traz o ARTIGO 2, tratando a atividade voluntária na pastoral da criança como ocupação do tempo de não trabalho, bem como o tempo livre de aposentados, participantes do grupo de amostragem da pesquisa, que era utilizado para fazer produções mesmo estando em sua própria casa gozando de um tempo teoricamente livre. Lavar louça, passar roupa, cozinhar para familiares, e até mesmo atividades de crochê e bordados para complementação de renda são alguns exemplos da ocupação do tempo de não trabalho de sujeitos pesquisados. (GARCIA, 2012)

3, é gerador de um lazer alienado, estranhado, distante dos conceitos fundamentais de lazer e subjugado pelos caprichos do capital (SILVESTRE, AMARAL, 2015).

Desta forma, o tempo livre nega seu próprio conceito de atividade autônoma e livre de obrigatoriedade, para se tornar a própria expressão do aprisionamento cultural preestabelecido de acordo com as determinações sociais. “As pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas (ADORNO, 2002, p. 65).

A despeito disto, na crítica a crítica cultural que faz Adorno (2002, p. 48) em sua obra *Industria cultural e sociedade*, o filósofo nos remete a ideia que “a cultura se entrega as determinações de mercado”, reafirmando a falsa liberdade da qual se vale o indivíduo durante a expressão de seu lazer, quando dominado pela lógica do capital. Tão logo, o processo de aculturação social ocorre de maneira velada e promovida pela indústria, que se vale da ausência de esclarecimento do trabalhador para penetrar em seu tempo livre, descaracterizando-o.

Cinema, rádio, televisão, teatro não tem mais a necessidade de se apresentarem como expressões artísticas, quando, no mundo capitalista, reduzem-se a relações de comerciais que promovem a ideologia do consumo em detrimento, essencialmente, contemplação artística cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1947).

Isso posto, o conceito de lazer torna-se cada vez mais próximo do entretenimento empobrecido e do consumo desregrado, ao passo de o lazer se transmutar em indústria do lazer ou indústria cultural. Em apoio a esta afirmativa Soares (2019), autor do artigo 5 analisado aqui, completa:

A própria vida em sociedade vai girar em torno do tempo de trabalho, mesmo permitindo o tempo de não trabalho para a recuperação física e mental, e o momento do consumo do trabalhador; os dias serão consumidos, literalmente, para uma vida de consumo, onde sem este consumo o próprio modelo produtivista não resistiria (...) assim, compreende-se que além de u espaço de consumo, o lazer assume um caráter funcional-utilitarista. (SOARES, 2019, p. 617-619)

A fim de enriquecer este debate, cito aqui a coletânea de ensaios organizada por Padilha (2006), denominada “*Dialética do lazer*”, que vem em nosso auxílio no que tange a compreensão das mudanças que o capital tem ocasionado no modo de se fazer lazer. A respeito disso, elenco, inicialmente, o ensaio “*consumo e lazer reificado no universo onírico do shopping center*”. Rubricado pela própria organizadora da obra, este texto esclarece alguns pontos pertinentes a temática desta pesquisa. Ao colocar em posição de centralidade o debate acerca do *shopping center*, Padilha (2006, p. 126-155) considera esta construção do capital como uma espécie de catedral do consumo desvairado e do lazer estranhado. A autora reconhece, também, a submissão do lazer perante a lógica capitalista afirmando que a ideologia arraigada pela imagem do *shopping center* nos remete a uma “cultura do consumo”, e que tal cultura é pregada para a massa populacional como divertimento, acabando por preencher o espaço conhecido como tempo livre do nosso proletariado, que, distanciando-se do esclarecimento, acaba por se tornar produtor e consumidor ao mesmo tempo.

Logo, pode-se dizer que:

A subordinação do lazer à lógica do capital dá-se basicamente pelas várias maneiras de mercantilização da diversão. Essa forma de mercadoria (que é produzida industrialmente, divulgada pela publicidade e trocada por dinheiro) que o lazer possui na sociedade capitalista de consumo tem sido a principal preocupação dos estudos marxistas de lazer. O lazer mercadoria está no consumo dos bens materiais e simbólicos, como os produtos da indústria cultural, pacotes de viagem, brinquedos em parques de diversão; jogos eletrônicos, alimentação, cinema e diversão em shoppings centers. (PADILHA, 2006, p. 130)

É notável pois, a mercantilização que vem sofrendo o lazer. O *shopping center* foi somente um exemplo dentre os vários que existem e se fazem presentes no cotidiano trabalhador, que é o enfoque deste artigo. Assim, o modelo capitalista passa a ser, não mais somente um modelo de produção de bens de consumo em larga escala visando a produtividade e o acúmulo de capital de forma mal distribuída e injusta; o capitalismo passa agora a permear todos os setores da vida humana, ditando regras de divertimento, consumo, arte, ensino, cultura, tecnologia etc.

Se apropriando dos saberes difundidos pela escola de Frankfurt; pode-se considerar que:

Em seu lazer, as pessoas devem se orientar por essa unidade que caracteriza a produção. A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria (ADORNO & HORKHEIMER, 1947, p. 59).

A produção de mercadorias tem como objetivo o consumo das mesmas por um público alvo; este público consome tais produtos de maneira concupiscente, significa que, a forma de consumir torna-se alienada, irracional e pautada na ilusória sensação de prazer no ato de consumo desvairado e induzido midiaticamente; isso por que o consumo se dá sem a real necessidade de obtenção de tais valores de uso, e ainda, sem a noção de obsolescência programada <sup>2</sup>(PADILHA,2006).

Não obstante, pode-se notar certo tipo de hierarquia e impossibilidade nas atividades de lazer-mercadoria, principalmente pautada no baixo poder aquisitivo característico da classe operária. Como menciona Silvestre & Amaral (2015, p. 77), autor do ARTIGO 3, falando que “Nessa condição, o ser humano só tem a possibilidade de acesso a determinadas atividades de lazer mediante a relação capitalista estranhada de venda de sua força de trabalho para compra de atividades de lazer”. por consequência, as opções de lazer são segregadas às diferentes classes sociais, beneficiando os donos do capital (patrão) em detrimento do proletário (empregado).

Relembrando da conceituação feita por Mascarenhas (2006) sobre *skholé*, reafirmamos a etimologia da palavra como advinda do grego cujo significado reside em “parar ou cessar”, estabelecendo significado, também, de “estado de isenção de atividade produtiva ou (...) tempo para si mesmo” (MASCARENHAS, 2006, p. 77).

Esta breve conceituação serviu para que possamos agora colocar a embate os dois conceitos, lógica capitalista e lógica do ócio, afim de demonstrar seu caráter antônimo. Ora, se o capitalismo luta com afinco por seus interesses, que medidas ele teria de tomar para que houvesse a diminuição do tempo ocioso em prol do aumento da produtividade? Segundo Mascarenhas (2006), o sistema capitalista, seu ritmo laboral e exploratório, por si só, representam a própria danoção do lazer, descaracterizam-no e promovem mutações em sua essência, que acabam por ser deletérias ao indivíduo.

Doravante, em sua crítica a Domenico De Masi, Mascarenhas reflete sobre o conceito de *ócio criativo*, que na concepção de De Masi é a tendência que vem a substituir o trabalho formal, visando a priorização do tempo livre, ou melhor, onde o tempo livre se confunde com a carga horária laboral. Porém, a pesar da polida conceituação do termo, Mascarenhas (2006, p. 83) alerta que “O maior contra-senso em tal leitura reside no fato de que a ideia de *ócio criativo* aparece dependente de uma lógica declaradamente produtivista, o que, tacitamente, implica a completa colonização do tempo livre pelo trabalho”. Implica dizer que efetivamente, o *ócio criativo* é resultante do *trabalho criativo* assomado ao *ócio ativo* (MASCARENHAS, 2006, p. 82).

Concomitante a esta análise, o ARTIGO 4, que tece também uma crítica a De Masi, nos mostra que o *ócio criativo* revela-se como mais uma potencial estratégia de controle do capital sobre o tempo de não trabalho do proletariado, o que tornaria seu tempo livre refém

<sup>2</sup> Em se tratando da obsolescência programada, Padilha (2006, p. 141) expõe que “A necessidade que o capital tem de acelerar o tempo de circulação das mercadorias fica evidente pelo “novo” constante criado pela moda”. Dessa maneira, de forma planejada, a produção capitalista tende a diminuir a vida útil de seus produtos, induzindo estrategicamente o consumo desnecessário de novas mercadorias.



da produtividade. Afirmando também que De Massi, mesmo trazendo contribuição a teoria social “esbarra em um otimismo funcionalista diste de tendências estruturais do capitalismo” (COSTA & CÂMARA, 2017, p. 166).

A final haverá tempo mais prejudicial ao patrão que o tempo ocioso de seu empregado? O tempo que vai contra os preceitos de produção em massa. O tempo de evolução, contemplação do próprio ser. O tempo que se recusa ao consumo alienado. Por fim, em resposta, chega-se aqui ao senso de que o capital tem medo do lazer; medo do ócio que é abrigado no lazer pois estes representam grande ameaça ao sistema de produção vigente, que luta incansavelmente para a anulação do tempo livre da classe proletária pois o lazer é tempo de liberdade, evolução pessoal e racionalidade; já o trabalho alienado gera lazer alienado, que por sua vez torna o próprio trabalhador alheio a si próprio. “O tempo livre (na sociedade capitalista) é acorrentado a seu oposto”; assim afirma Theodor Adorno (2002, p. 62). O autor também levanta questionamento acerca do fenômeno do tempo livre, ilustrando, de maneira conclusiva, o teor deste artigo:

Que ocorre com ele (tempo livre) com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência? (ADORNO, 2002, p. 62).

Tal pergunta, por si só, acarreta sua própria elucidação, de maneira a sintetizar a análise traçada no interior deste manuscrito.

## Conclusão

Ao final deste artigo e olhando em retrospecto, principalmente, em direção à nossa síntese (resultados e discussões), pode-se contemplar a incessante luta do capital para tomar o controle de seu trabalhador. Nos mais diversos setores laborais por onde o capitalismo se esgueira vemos preceitos como produtividade, intensificação, alienação tomarem conta da vida do proletariado dentro e fora de ambiente de trabalho. O capitalismo cria estratégias para o controle de seus operários entrando em suas casas, se instalando em “horários nobres” televisionados, utilizando o *marketing* como ferramenta geradora de desejo pelo novo, que logo passará a ser obsoleto, instaurando uma cultura consumista que permeia o tempo de não trabalho. Com isso o capitalismo ganha de todos os lados, pois o proletário produz e consome de maneira cíclica e alienada, enquanto o conceito de lazer é esquecido ou banalizado de forma pejorativa.

A própria demonização do conceito de ócio o correlacionando com a preguiça é gerador de determinismos sociais que agem na promoção do Trabalho como ocupação principal do cotidiano humano e do lazer como simples tempo inútil. Assim, o empregado trabalha em cargas horaria extenuante e cansativas sem se dar conta de que o patrão, dono do capital e de sua força de trabalho, trabalha bem menos e em funções menos sacrificantes sem ser taxado de “preguiçoso” por simplesmente utilizar seu tempo livre para o ócio.

Desta maneira o lazer sofre gradativa diminuição e desvalorização, porém, em um olhar para o futuro, chega-se à conclusão de que, apesar das dificuldades, o lazer continua a ser um poderoso veículo promotor do pensamento racional, autoconhecimento e esclarecimento, podendo ser até solução para divergências sociais, desigualdades, e poderosa ferramenta (se bem utilizada) educacional.

## Referências

ADORNO, Theodoro. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Teodoro; HORKHEIMER, Máx. **Dialética do esclarecimento**. Disponível em: <http://>

antivalor .Vilabol .uol .com .br . Acesso em: 1947.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARGO, Luis Otávio de Lima. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAGAS, Eduardo F. O método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 120, pág. 55-70, 2011.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GARVEY, James. **Uma introdução aos vinte melhores livros de filosofia**. São Paulo: Edições Rosari, 2009.

KANT, Emanuel. **Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? (“Aufklärung”)** (Coronel Immanuel Kant textos seletos). Petrópolis: Vozes, 1985.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MASCARENHAS, Fernando. **Em busca do ócio perdido: idealismo, panaceia e predição histórica à sombra do lazer** (Col. Dialética do lazer). São Paulo: Cortez, 2006.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, v. V, 1995.

PADILHA, Valquíria. **Consumo e lazer reificado no universo onírico do shopping center** (Col. Dialética do lazer). São Paulo: Cortez, 2006.

ROSSO, Sadi Dal. **Mais trabalho: a intensificação do trabalho na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SEMERARO, Giovanni. A concepção de “trabalho” na filosofia de Hegel e Marx. **Educação e Filosofia**, v. 53, pág. 87-104, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Rodrigo Monteiro; SANTANA, Tatiana Peres; FERREIRA, Ruhena Kelber Abrão. A aplicação dos princípios da Bioética no Ensino Superior. **Revista eletrônica educação**, v. 30, pág. 619-632, 2021.

SILVA, Bruno Costa; ABRÃO, Kelber Ruhena. Reflexões teóricas sobre lazer e promoção da saúde no contexto da gestão de políticas públicas. **Humanidades & Inovação**, v. 17, pág. 214-223, 2023.

FUCHS, Marcius Minervini et al. O tema “lazer” nos currículos da UFRGS e UFSM: qual a relação com o trabalho pedagógico? **Humanidades & Inovação**, v. 13, pág. 263-273, 2023.

DE BEM MACHADO, Andreia et al. Políticas públicas para programas de esporte e lazer no cenário mundial: mapeando produções para efetivação do Programa Rede CEDES no Estado do Tocantins. **Humanidades & Inovação**, v. 9, pág. 256-264, 2023.

GOMES, Andrey Viana et al. O esporte e o lazer das pessoas em situação de cárcere da região norte do Brasil. **Humanidades & Inovação**, v. 17, pág. 239-248, 2022.

ALVES, Antonio Ribeiro et al. Entre memórias e relatos: o lazer dos sem terra. **Humanidades & Inovação**, v. 17, pág. 224-238, 2022.

DO NASCIMENTO, Diego Ebling et al. Formação, lazer e currículo: os cursos de educação física do Tocantins. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 2, pág. 342-361, 2020.

TAVARES, Alexandra Lima; LIMA, Luan Pereira; ABRÃO, Kelber Ruhena. Lazer no âmbito escolar: o que dizem os documentos referenciais do Estado do Tocantins. **Humanidades & Inovação**, v. 12, pág. 250-259, 2023.

DE ARAÚJO, Bárbara Carvalho; DA SILVA QUIXABEIRA, Alderise Pereira; ABRÃO, Ruhena Kelber. Construindo caminhos para práticas de lazer dos professores da rede pública de ensino. **Humanidades & Inovação**, v. 11, pág. 297-307, 2022.

SANTANA, Martin Dharlle Oliveira et al. Saberes e práticas de lazer: uma perspectiva de trabalho e saúde. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021.

QUIXABEIRA, Alderise Pereira et al. "Pescando opiniões": uma investigação sobre o conceito de pesca, lazer e atividade física em comunidades do Facebook. **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 1, 2021.

SCHWARTZ, Suzana et al. Estratégias para o trabalho com textos na universidade. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 8, pág. e790986209-e790986209, 2020.

Recebido em 28 de outubro de 2024.

Aceito em 30 de dezembro de 2025.